

# Estudo sobre acesso e aquisição de alimentos no Brasil com recorte de gênero e raça

Pesquisadoras: Luana Lara Rocha  
e Letícia Lopes Vieira

Belo Horizonte  
2025

# INTRODUÇÃO

O direito humano à alimentação adequada (DHAA) é assegurado pela Constituição Federal de 1988 e reafirmado pela Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Brasil, 2006). Nos últimos anos, o Brasil apresentou avanços significativos no enfrentamento da fome, culminando, em 2025, com a sua retirada do Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), resultado de políticas públicas voltadas à segurança alimentar e nutricional (SAN) e da recomposição de programas sociais estratégicos (FAO, 2025). No entanto, apesar desse avanço, a fome e a insegurança alimentar e nutricional (InSAN) ainda persistem, atingindo de forma desproporcional populações negras, mulheres e moradores de áreas de alta vulnerabilidade social, especialmente favelas e periferias urbanas (Rocha et al., 2025; Rede PENSSAN, 2022; FAO, 2025; Ferreira et al., 2025). Essas desigualdades estruturais refletem um padrão histórico de exclusão social e econômica, que continua a determinar o acesso desigual aos alimentos e a comprometer a efetivação plena do DHAA no país (Ferreira et al., 2025; Rocha et al., 2024a; Casemiro et al., 2010).

O acesso regular a alimentos adequados e saudáveis é condicionado não apenas pela renda, mas também por fatores como a disponibilidade de estabelecimentos, o preço dos alimentos e as condições de transporte e mobilidade urbana (Rocha et al., 2024a; Rocha et al., 2024b; Duarte et al., 2024). Esses elementos compõem o chamado ambiente alimentar, entendido como a interface entre o consumidor e o sistema alimentar, englobando dimensões físicas, econômicas, políticas e socioculturais (Downs et al., 2020). No Brasil, esse ambiente é profundamente marcado por desigualdades territoriais e por uma segregação urbana que afeta desproporcionalmente mulheres e pessoas negras, minorias que enfrentam barreiras adicionais de acesso físico e econômico aos alimentos (Magalhães et al., 2025; Bergamin et al., 2025; Castronuovo et al., 2024).

Estudos recentes demonstram que as mulheres negras estão entre as mais afetadas pela InSAN e pela má qualidade da alimentação (Castronuovo et al., 2024). Isso decorre da intersecção entre gênero, raça/cor de pele e renda, que estrutura as desigualdades no trabalho, na renda e na divisão do cuidado doméstico (Carneiro, 2021; Crenshaw, 1991). Além disso, a sobrecarga das mulheres na organização do orçamento doméstico e na provisão alimentar, frequentemente em condições de informalidade e instabilidade econômica, amplia a vulnerabilidade das famílias chefiadas por mulheres negras (IPEA, 2024; IPEA, 2023). Essa combinação de fatores revela que as desigualdades alimentares são também desigualdades de gênero e raça/cor de pele, e não apenas de renda.

No contexto urbano, as favelas exemplificam de maneira concreta a materialização dessas desigualdades. Historicamente constituídas por processos de exclusão e segregação espacial (Valladares, 2015; Maricato, 2014), elas representam territórios de resistência e produção de vida, mas também de profunda vulnerabilidade social. De acordo com o Censo 2022, cerca de 16 milhões de pessoas vivem em favelas no Brasil, das quais mais de 70% se identificam como pretas ou pardas (IBGE, 2024a). Esses territórios são caracterizados por uma infraestrutura precária, pela presença marcante do comércio informal e por uma oferta limitada de estabelecimentos que comercializam alimentos in natura e minimamente processados (IBGE, 2024b). Estudo conduzido em Belo Horizonte, Minas Gerais, indica que as favelas possuem menor acesso a estabelecimentos de venda de alimentos saudáveis e maior exposição a estabelecimentos de venda de alimentos ultraprocessados (Rocha et al., 2024b).

Nesse cenário, compreender o acesso e a aquisição de alimentos nas favelas exige uma abordagem que considere as interações entre condições socioeconômicas, dinâmicas territoriais e desigualdades estruturais. A literatura aponta que, em comunidades de alta vulnerabilidade social, o acesso aos alimentos é permeado por barreiras financeiras, logísticas e de informação, incluindo a percepção de insegurança e o custo elevado dos alimentos (Rocha et al., 2024a). Essas barreiras moldam as estratégias cotidianas de compra, o tipo de alimento consumido e a própria experiência de viver e se alimentar nesses espaços.

Diante desse contexto, a investigação sobre as relações entre gênero, raça/cor de pele e acesso aos alimentos nas favelas é essencial para subsidiar políticas públicas voltadas à SAN e à promoção da justiça social. Dessa forma, este estudo busca contribuir com essa agenda ao analisar, sob uma perspectiva qualitativa, as percepções de mulheres moradoras de favelas de Belo Horizonte, Minas Gerais, em relação ao acesso e à aquisição de alimentos, considerando as dimensões de gênero e raça/cor de pele.

# METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida em parceria com o Instituto de Defesa de Consumidores (Idec), a partir de uma abordagem qualitativa, que utilizou a técnica de Grupos Focais (GF) com mulheres com 18 anos ou mais moradoras de favelas de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

Segundo o Censo 2022, Belo Horizonte possui uma população de 2.315.560 pessoas distribuídas em uma área de 331,35 km<sup>2</sup>, com densidade demográfica de 6.988,18 habitantes por km<sup>2</sup>. A cidade é marcada por desigualdades sociais e territoriais, com 13,3% da população residindo em favelas (307.729 habitantes), embora os dados sobre esses territórios ainda sejam escassos. Os grupos foram realizados em oito favelas, selecionadas por conveniência, considerando contato prévio das pesquisadoras com as lideranças comunitárias locais e os vínculos estabelecidos com organizações locais, o que facilitou a aproximação, o acolhimento e o desenvolvimento do trabalho de campo. As oito favelas incluídas neste estudo foram: Aglomerado da Serra, Cabana do Pai Tomás, Novo Aarão Reis, Ocupação Dandara, Vila Antena, Vila Leonina, Vila Santa Rosa e Vila Santa Sofia. Essa diversidade territorial permite uma leitura mais ampla das condições de vida de mulheres em contextos periféricos urbanos, ainda que os dados oficiais não contemplam integralmente as especificidades desses espaços.

Em cada território foi conduzido um grupo focal, entre julho a agosto de 2025, com duração média de 60 minutos e a presença de sete a dez participantes por grupo, sendo realizados em sextas-feiras ou sábados, de preferência. Os GF foram mediados por pesquisadoras e facilitadores capacitados, com base em um roteiro semiestruturado elaborado de acordo com o objetivo do estudo (Apêndice 1). Todas as discussões foram registradas em áudio, mediante consentimento prévio dos participantes, e posteriormente transcritas na íntegra para análise.

O estudo utilizou procedimentos metodológicos fundamentados na análise de conteúdo, conforme a proposta de Bardin (1977), com estrutura dedutivo-indutiva. As gravações dos grupos focais foram transcritas com o auxílio do aplicativo Descript (<https://web.descript.com/>) e, posteriormente, submetidas à dupla verificação pelas pesquisadoras responsáveis pelo estudo.

A partir disso, foi construída uma grade inicial de códigos a partir do roteiro e dos objetivos da pesquisa, sendo ajustada conforme novas categorias emergiam das falas. O processo foi conduzido no software Atlas.ti (versão 25), permitindo organizar e relacionar categorias e subcategorias. O controle de saturação foi monitorado por uma tabela de saturação, em que a repetição de temas sem o surgimento de novas categorias indicou o encerramento analítico (Apêndice 2).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CAAE: 54588221.7.0000.5149/48190221.2.0000.5149). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a participação e o uso de suas falas. Este estudo segue as recomendações do Standards for Reporting Qualitative Research (SRQR) para a condução e relato de pesquisas qualitativas.

# RESULTADOS

## Dados socioeconômicos

O estudo contou com a participação de 57 mulheres nos oito grupos conduzidos, com idade média de 59,4 anos ( $\pm 16,6$ ). Em relação à escolaridade, 38,6% (n=22) tinham ensino fundamental e 38,6% ensino médio. A maioria das participantes se identificou como de raça/cor da pele preta (n=27; 47,3%). No momento da coleta, apenas 17,5% (n=10) estavam empregadas, sendo que 12,3% (n=7) possuíam carteira assinada. O trabalho informal foi relatado por 31,6% das mulheres (n=18), 22,8% (n=13) recebiam algum tipo de benefício social e 12,3% (n=7) contavam com auxílio na alimentação (Tabela 1).

**Tabela 1.** Características sociodemográficas das participantes dos grupos focais (Belo Horizonte, Brasil, 2025, n=57).

<b>Variável</b>	<b>n (%)</b>
<i>Idade (média ± DP)</i>	59,3 ± 16,6 anos
<i>Escolaridade</i>	
Analfabeta	6 (10,5%)
Ensino fundamental	22 (38,6%)
Ensino médio	22 (38,6%)
Ensino superior	7 (12,3%)
<i>Raça/cor da pele</i>	
Branca	8 (14,0%)
Preta	27 (47,3%)
Parda	20 (35,1%)
Amarela	1 (1,8%)
Indígena	1 (1,8%)
<i>Emprego atual</i>	
Sim	10 (17,5%)
Não	47 (82,5%)
<i>Carteira assinada</i>	
Sim	7 (12,3%)
Não	50 (87,7%)
<i>Empregos informais</i>	
Sim	18 (31,6%)
Não	39 (68,4%)
<i>Recebe benefício social</i>	
Sim	13 (22,8%)
Não	44 (77,2%)

### *Recebe auxílio alimentação*

Sim	7 (12,3%)
Não	50 (87,7%)

---

## **Percepções e experiências das participantes**

As narrativas das participantes sobre o acesso e a aquisição de alimentos foram organizadas em quatro eixos temáticos principais (temas): experiência cotidiana de compra; barreiras e desafios; alimentação saudável e consumo; e propostas e recomendações.

A Figura 1 apresenta as categorias e subcategorias identificadas a partir da análise qualitativa, permitindo uma visualização clara dos diferentes aspectos que emergiram dos relatos. Os temas correspondem aos grandes eixos que orientam a discussão central do estudo, as categorias são os agrupamentos conceituais que detalham cada tema e as subcategorias representam os elementos específicos que surgiram com maior frequência nas falas das participantes. As subcategorias foram organizadas em ordem decrescente de recorrência, ou seja, daquelas mais mencionadas para as menos citadas, posicionadas logo abaixo de cada categoria correspondente.

**Figura 1.** Eixos temáticos, categorias e subcategorias das narrativas sobre acesso e aquisição de alimentos.



## TEMA 1 - Experiência cotidiana de compra

O primeiro tema é a experiência cotidiana de compra, que reúne aspectos práticos da rotina alimentar das participantes e revela uma busca constante por preços mais acessíveis. Essa preocupação orienta as escolhas de locais de compra, priorizando supermercados e sacolões, que são vistos como os espaços mais vantajosos para adquirir alimentos com melhor custo-benefício. Os relatos indicam que os supermercados são preferidos para as compras maiores, enquanto os sacolões são utilizados com mais frequência para itens perecíveis, como frutas e verduras. As participantes demonstram estratégias adaptativas, equilibrando conveniência, economia e qualidade, de acordo com suas condições e necessidades. Os relatos evidenciam que o preço é o principal critério de decisão, como expressa uma moradora:

*“A gente busca as ofertas nos supermercados maiores”*  
(Vila Santa Sofia)

Em outras favelas, essa lógica se repete:

*“O supermercado é sempre mais em conta”*  
(Vila Leonina)

*“Compro sempre em supermercados e sacolões, geralmente nesses locais”*  
(Cabana do Pai Tomás)

*“Supermercado hoje é o único lugar que dá pra comprar”*  
(Aglomerado da Serra)

*“Sempre compro no supermercado, é o mais em conta”*  
(Novo Aarão Reis)

*“No Sacolão aqui sempre tem muita coisa em conta, então compro no supermercado e no sacolão”*  
(Vila Antena)

A escolha dos locais varia conforme o tipo de compra e a percepção de custo, revelando uma lógica estratégica que se adapta às necessidades e possibilidades de cada família. Para as compras maiores e mensais, o chamado “grosso”, os supermercados são preferidos por oferecerem preços mais competitivos e maior variedade de produtos. Como relata uma moradora:

*“Eu gosto de fazer compras do grosso no Supermercado, no bairro Guarani, e as coisas picadas durante o mês, eu compro lá no supermercado que tem aqui no bairro e o sacolão eu sempre faço aqui no bairro, mas aqui é mais caro, lá no centro é mais barato”*

(Novo Aarão Reis)

Essa dinâmica mostra que o local de compra não é fixo, mas sim escolhido com base em fatores como o tipo de produto, o volume da compra, o tempo disponível, o meio de transporte e, principalmente, a percepção de onde se encontra o melhor custo-benefício naquele momento. Como aponta uma moradora:

*“Mas tem gente que vai, quem tem carro ou Uber, porque às vezes o supermercado é mais em conta. E tem muita gente que vai, mas como a gente já não tem muita recurso, a gente acaba indo no mais perto”*

(Vila Antena)

Em situações de urgência ou reposição rápida, os pequenos comércios do bairro também são acionados, principalmente pela proximidade e pela praticidade. Como explica uma moradora:

*“Acaba que a gente compra nesses pequenos, porque se você precisa de uma coisa de última hora, você não vai no supermercado, geralmente tem uma mercearia um pouco mais próxima”*

(Vila Antena)

Além disso, há quem perceba que certos produtos podem ser encontrados na própria comunidade por preços até mais vantajosos, o que evita deslocamentos maiores:

*“Tem coisas que a gente nem precisa sair da nossa comunidade para comprar, porque aqui costuma ser mais barato do que em grandes supermercados”*

(Cabana do Pai Tomás)

No entanto, essa percepção não é unânime. Muitas participantes reconhecem que os comércios locais tendem a ser mais caros, revelando uma tensão entre a conveniência e custo, que exige das famílias um constante equilíbrio entre a necessidade imediata e a viabilidade econômica, como mencionado:

*“Aqui é tudo muito caro, eu só compro em último caso”*

(Vila Antena)

*“É o dobro do valor, bem mais caro”*

(Vila Santa Rosa)

A frequência de compra varia entre semanal e mensal, dependendo da renda familiar, da organização doméstica e do tipo de produto adquirido, com frutas e verduras sendo compradas com maior regularidade. As estratégias de compra incluem pesquisa de preços, aproveitamento de ofertas, uso de aplicativos de desconto, compras coletivas e substituições de marcas, sempre guiadas pela renda disponível, que determina não apenas o que é possível adquirir, mas também onde e como se realiza a compra.

A frequência de compra varia entre semanal e mensal, dependendo da renda familiar, da organização doméstica e do tipo de produto adquirido, com frutas e verduras sendo compradas com maior regularidade.

*“Eu faço compras uma vez no mês, faço a compra uma vez no mês”*

(Novo Aarão Reis)

*“Eu demoro ir, porque eu faço uma compra bem grande, sabe? Pra não precisar ficar indo comprar umas coisas que é caro”*

(Aglomerado da Serra)

*“A compra eu sempre faço semanal mesmo. Que aí eu faço e aproveito o dinheiro do bico e faço a compra pela semana mesmo”*

(Vila Santa Rosa)

As estratégias de compra incluem pesquisa de preços, aproveitamento de ofertas, uso de aplicativos de desconto, compras coletivas e substituições de marcas, sempre guiadas pela renda disponível, que determina não apenas o que é possível adquirir, mas também onde e como se realiza a compra.

*“O sacolão é picado, tem que ser de três em três dias”*

(Novo Aarão Reis)

*“E na hora de vir embora tem um pessoal lá de carro lá que faz como se fosse um carro de compra do Supermercado, aí geralmente você paga mais em conta, porque o Uber não gosta de trazer compra”*

(Novo Aarão Reis)

O deslocamento até os pontos de venda é feito majoritariamente a pé, por transporte público ou por aplicativos de transporte, revelando que o acesso físico também é um fator relevante na experiência de compra.

*“A pé”*

(Vila Santa Rosa, Vila Leonina, Vila Antena)

*“Vou a pé e volto de ônibus”*

(Vila Leonina)

*“De ônibus também. Aí eu levo aquela sacola*

*ecológica, coloco no ombro e venho. Descanso, ponho um pouco no chão, aí boto no ombro de novo, mas venho no ônibus”*

(Vila Antena)

*“Quando é mais distante, a gente vai de Uber e tem também um mercado, né que é no bairro, vizinho, próximo daqui, e é mais vantajoso ir de ônibus e voltar de uber”*

(Ocupação Dandara)

Outro ponto mencionado no discurso das participantes foram as hortas comunitárias, embora presentes em algumas localidades, são em grande parte inutilizadas ou não cumprem sua função original de promover o acesso coletivo a alimentos. Em uma favela, uma participante relembra com saudade o esforço coletivo de antigamente, destacando que o envolvimento era maior entre os moradores mais velhos e que hoje falta engajamento da juventude para manter essas iniciativas vivas.:

*“A gente plantou no meio da rua, as pessoas colheram, mas a horta em si não tem mais. E a juventude não quer pegar nem um pouquinho a batuta, nem um tiquinho. Então, aí é difícil, então, a gente não tem como fazer. A roda da agroecologia com as técnicas está pronta, mas hoje, para essa juventude, ninguém quer colocar a mão na massa”*

(Cabana do Pai Tomás)

Além disso, há percepções de que o espaço perdeu seu caráter comunitário, além de relatos sobre o desperdício de alimentos nesses locais, que poderiam ser vendidos a preços menores ou mesmo doados, indicando que, apesar da nomenclatura, o espaço não é acessível nem funcional para os moradores. Esses relatos revelam que, embora as hortas tenham potencial como estratégia de promoção da alimentação saudável, sua efetividade está comprometida pela falta de gestão coletiva, altos custos e descontinuidade das ações:

*“Esse aqui é mais caro, então eu não acho que isso aqui é uma horta comunitário, o trem aqui é caro”*

(Novo Aarão Reis)

*“Ela tem nome de horta comunitária, mas nunca foi comunitária”*

(Vila Antena)

*“Lá tem muito mato, tinha coisas de chá essas coisas. Eu sei que o pessoal ia lá e dava e tudo e tal, lá agora tem criação de galinha agora, mas é igual você falou não é comunitário, não sei qual o motivo... Eu sei que foi aprovado para ser, mas não sei porque não é, mas não posso falar, porque não participei, eu não entendo”*

(Vila Antena)

## **TEMA 2 - Barreiras e desafios**

O segundo eixo aborda as barreiras e desafios enfrentados pelos participantes, revelando como múltiplos fatores estruturais e cotidianos dificultam o acesso regular e saudável aos alimentos. Nesse tema, emergiram categorias temáticas como “organização orçamentária”, “desigualdade de gênero”, “mudanças dos alimentos”, “discriminação e racismo”, “locomoção e segurança”.

A organização orçamentária aparece como um esforço constante para equilibrar contas básicas e alimentação, com estratégias que envolvem priorizações e improvisos. Como relata uma participante:

*“Não, não tem quem que ajuda não. Eu não. Eu tenho que me virar mesmo. Eu faço bico, se faltar alguma coisa, pra mim suprir.”*

(Aglomerado da Serra)

Já em outra favela, a instabilidade no mercado de trabalho e a falta de oportunidades são apontadas como barreiras adicionais:

*“Indo atrás né, fazendo um bico. Poder manter, né? Porque hoje em dia o emprego não está tão fácil. Porque a acessibilidade ao empregador às vezes está muito difícil, eles não estão com cuidado, como ela falou, pelo fato do ensino que nem todo mundo tem o ensino completo, e às vezes as pessoas se evadem por motivos pequenos, porque não tem... como eu posso dizer... Não tem aquela abertura de quem vai empregar, para poder dar a liberdade para a pessoa mostrar o que ela sabe fazer. Ela acaba se evadindo, procurando outros caminhos.”*

(Ocupação Dandara)

Em outro local, a gestão financeira é feita com rigor e limitações, como descreve uma participante:

*“Eu procuro fazer contas, minhas contas que eu tenho que pagar é água, luz e telefone, eu pago. Aí eu pago minhas conta, aí faço minha compra, aí depois eu tiro um pouco de dinheiro para comprar carne e os alimentos de que estão em urgência.”*

(Vila Antena)

Esses relatos evidenciam como a renda limitada, a informalidade no trabalho e a ausência de rede de apoio impactam diretamente a alimentação, exigindo das mulheres estratégias de sobrevivência que vão além da simples compra de alimentos. Com isso, é preciso gerenciar orçamentos apertados, enfrentar jornadas duplas, improvisar soluções diante da escassez e mobilizar criatividade para garantir o sustento da família. A alimentação, nesse contexto, deixa de ser uma escolha e passa a ser uma batalha diária, marcada por renúncias, sobrecarga e resistência silenciosa diante das múltiplas desigualdades que atravessam seus cotidianos.

A desigualdade de gênero se manifesta de maneira recorrente nos relatos das participantes, especialmente no que diz respeito à sobrecarga das mulheres na gestão da casa e da alimentação. Muitas delas assumem sozinhas todas as responsabilidades domésticas, como expressa uma moradora:

*“Lá em casa sou eu para tudo.”*

(Cabana do Pai Tomás)

*“Sim, é eu e eu mesma.”*

(Novo Aarão Reis)

*“Eu mesmo lá em casa eu faço, lá em casa quem faz sou eu.”*

(Aglomerado da Serra)

Algumas mulheres buscam estratégias de divisão de tarefas, mas ainda assim o peso da responsabilidade permanece, como revela as participantes:

*“Eu comecei a colocar divisão lá em casa, pra minha menina me ajudar... É uma divisão que eu tenho com ela desde de antes de ela se formar uma moça.”*

(Aglomerado da Serra)

*“Pra mim pesa ter que comprar tudo, fazer compra, comprar fruta, comprar verdura e comprar carne, arrumar a casa.”*

(Aglomerado da Serra)

Há também relatos que apontam para uma divisão mais equilibrada das tarefas, como:

*“Meu marido me ajuda muito... No final de semana, meu esposo está em casa, ele me ajuda, lava banheiro, arruma o quarto, dá aquela faxina mais pesada.”*

(Cabana do Pai Tomás)

*“A gente se divide.”*

(Ocupação Dandara)

No entanto, mesmo nesses casos, a carga emocional e a cobrança interna continuam presentes, como expressa uma participante:

*“Sim, eu me sinto um pouco frustrada e às vezes eu me cobro por não dar conta de ter o básico do básico... de não ter um momento de qualidade para os meus filhos.”*

(Ocupação Dandara)

Esses relatos revelam que, embora existam tentativas de redistribuição das tarefas, a responsabilidade pela alimentação e pelo cuidado da casa ainda recai majoritariamente sobre as mulheres, gerando sobrecarga física e emocional, além de sentimentos de frustração e culpa diante das limitações impostas pela realidade socioeconômica.

A vivência da discriminação e do racismo foi frequente nos grupos focais e, conforme registrado no diário de campo, foi um dos momentos em que as participantes demonstraram maior constrangimento ao compartilhar suas experiências. Esse desconforto revela o peso emocional e a complexidade de reviver situações de violência simbólica e cotidiana. Apesar disso, os relatos foram contundentes e recorrentes, especialmente em espaços de consumo como supermercados e lojas. Em diferentes territórios, participantes afirmaram:

*“Eu já sofri discriminação ao entrar em um supermercado”*

(Cabana do Pai Tomás, Aglomerado da Serra, Novo Aarão Reis)

*“Nossa, várias vezes, em loja e em supermercado”*

(Ocupação Dandara)

*“Teve uma vez eu entrei na loja, para comprar, eu estava olhando umas roupas, o cara lá ficou me olhando, achando que eu ia roubar a minha, eu ia comprar e mas todo lugar que eu ia ele tava me*

*vigiando. Aí, cheguei perto dele abri minha bolsa e falei aqui ó aqui tem dinheiro. Eu ia comprar aqui, ó. Você está achando que eu vou roubar?”*

(Vila Leonina)

Os episódios envolvem perseguição, vigilância excessiva e abordagens constrangedoras, conforme relatado por uma moradora:

*“Eu percebi que o rapaz estava me seguindo, porque eles olham muito a maneira como você está vestida, como você está penteada... e aí eu percebi que o rapaz estava me seguindo, eu ia para o corredor e ele ia atrás. Aí eu vi ele conversando com outro no radinho. Aí eu voltei para trás, eu sou muito de percepção. Aí eu falei para ele assim: você está me seguindo por quê? Você está achando que eu vou roubar? Está mais fácil uma pessoa bem vestida roubar do que eu. Você está me deixando constrangida, desconfortável. Aí ele saiu. Se ele não tivesse, não tivesse fazendo isso, ele ia sair?”*

(Cabana do Pai Tomás)

A violência vivenciada em alguns locais é tão marcante que, além de se manifestar de forma explícita, leva a participante a evitar completamente esses espaços.

*“Eu lembro que há alguns anos atrás eu senti e já perguntei logo, quer que eu tire a roupa? Gente, você entrava e a pessoa andava atrás de você. Muito desagradável.”*

(Novo Aarão Reis)

*“Isso aconteceu no Supermercado lá do centro, depois disso não vou lá mais.”*

(Aglomerado da Serra)

Na categoria temática que trata da percepção sobre mudança na disponibilidade e acesso aos alimentos, os participantes atribuem essa variação de preços a fatores como mudanças de governo e políticas públicas:

*“Todo mundo percebeu principalmente quando a gente tem essas trocas de governo, a gente sempre sente muito pesado mesmo assim na alteração dos preços, né, e é de tudo, é tudo, é gás de cozinha, desde o gás de cozinha até a fruta, a verdura, o arroz, o feijão, a carne e gasolina é tudo...”*

(Cabana do Pai Tomás)

A mesma participante complementa com uma análise mais ampla sobre o impacto político na SAN, indicando uma melhora no poder aquisitivo e nas políticas voltadas para população mais pobre, como mencionado:

*“... Não sei se vocês perceberem, antes de 2022 e depois de 2022, hoje nós não temos mais fila de osso, significa que mudanças de governo podem ocorrer em piora ou melhorias de poder aquisitivo. Você pode não ter o seu dinheiro para complementar o mês todo de alimentação, mas você não está naquele processo da falta de alimentação geral, porque no governo anterior quando você via pessoas, e eu tenho cenas absurdas de idoso que não levava nem para casa, já começava a vir idoso já chupar ali mesmo, porque já estava naquele processo de fome, de não ter condições nenhuma, né, nem uma alimentação tão básica ou a de melhor qualidade”.*

(Cabana do Pai Tomás)

A qualidade dos alimentos, especialmente os itens considerados como básicos, como feijão, arroz, carne e café, foi amplamente questionada:

*“Só que o feijão está bem duro, né? Parece novo, mas é um novo que está duro.”*

(Aglomerado da Serra)

*“O arroz... quando você abre tá com um bichinho, o feijão é feio e não está bonito, tá estranho.”*

(Novo Aarão Reis)

*“Ele vem quebrado, cozinha a parte de baixo e a parte de cima fica crua.”*

(Vila Santa Rosa)

*“O café tá lá em cima, o feijão já diminui.”*

(Novo Aarão Reis)

*“O feijãozinho tá feio, falo da qualidade do feijão está... não está aquele feijão bonito, tá estranho.”*

(Novo Aarão Reis)

*“A carne aumentou, e não baixou nada.”*

(Vila Santa Sofia)

A percepção sobre essa mudança não se limita à escassez ou ao alto custo, mas também envolve o receio de consumir produtos que podem ser prejudiciais à saúde. Esse medo é expresso de forma direta, com especial destaque ao uso de agrotóxicos para a produção dos alimentos:

*“E, as frutas que a gente sabe que estão cheias de agrotóxicos, cheias de veneno, e que a gente sabe também, assim, quem tem mais contato com a roça sabe que não é a época da fruta, mas está lá a fruta linda, brilhante, visível e cheia de agrotóxicos por dentro, que a gente sabe que não é a época daquela safra.”*

(Ocupação Dandara)

*“E a gente tá se envenenando hoje em dia cada vez mais, porque, pelo que eu tenho entendido você chega no mercado, você vai comprar alguma coisa, tem até aquelas farinhas do agrotóxico. É tanto agrotóxico... Isso pra vender logo? Produzir logo? E faturar logo?”*

(Ocupação Dandara)

Além das barreiras econômicas e de qualidade dos alimentos, a locomoção se destaca como um desafio estrutural que compromete o acesso aos alimentos. O sistema de transporte público é frequentemente descrito como ineficiente, instável e desconectado das necessidades reais das participantes. As linhas de ônibus não atendem diretamente os locais de compra, os horários são irregulares e, em muitos casos, o trajeto exige longas caminhadas ou baldeações, tornando o deslocamento cansativo e pouco viável. Essas limitações dificultam o acesso a supermercados com preços mais baixos e ampliam o esforço necessário para garantir o abastecimento alimentar, especialmente para mulheres que já acumulam múltiplas responsabilidades domésticas e familiares. Como observado nos discursos:

*“Andar de ônibus nunca é tranquilo, né.”*

(Aglomerado da Serra)

*“O ônibus que roda aqui dentro ele não vai no supermercado, mas mesmo se fosse, não é favorável, porque ele passa toda hora, toda hora que ele quer.”*

(Aglomerado da Serra)

*“O transporte público aqui é fora de mão, assim, tem que ser no uber mesmo.”*

(Novo Aarão Reis)

*“Tipo assim, se nós pegarmos o ônibus voltando dá, mas se nós pegar o ônibus indo não compensa mais,*

*porque eles mudaram as linhas tudo, pra nós não compensa a distância, você vai andar do mesmo jeito.”*  
(Vila Santa Rosa)

### **TEMA 3 - Alimentação saudável e consumo**

O terceiro eixo aborda a temática da alimentação saudável e consumo dos alimentos, revelando como as percepções, práticas e recursos influenciam diretamente o modo como as participantes se alimentam e acessam os alimentos. Nesse tema, emergiram categorias como “dificuldades práticas na alimentação”, “percepção de alimentação saudável”, “alimentação não saudável”, “programas e redes de apoio” e “apoio comunitário”. A alimentação saudável é reconhecida como um ideal desejável, mas frequentemente inacessível, seja pelo alto custo dos alimentos básicos, pela rotina intensa das mulheres ou pela falta de estrutura para preparar refeições equilibradas.

Em diferentes territórios, a ideia de ter uma alimentação saudável está associada a uma combinação simples e tradicional: arroz, feijão, carne e salada. Esses alimentos são vistos como base de uma dieta equilibrada e acessível, ainda que nem sempre estejam disponíveis de forma contínua, como também uma valorização da presença de frutas e verduras, especialmente quando livres de agrotóxicos. As participantes também demonstram estar atentas aos perigos que os agrotóxicos trazem para sua saúde, revelando que a InSAN não se limita à escassez ou ao preço, mas também à qualidade e à segurança do que se consome. Como mencionado:

*“Gente, pra mim é comer um arroz feijão, uma carniinha e uma saladinha e verdura.”*  
(Cabana do Pai Tomás)

*“Arroz, carne e salada.”*  
(Novo Aarão Reis)

*“Pra mim, alimento saudável é alimento sem agrotóxicos, alimento sem veneno.”*  
(Ocupação Dandara)

*“A comida saudável ela tem que ter, né, o feijão, o arroz que é carboidrato, o legume, né, e geralmente tem que comer uma proteína.”*

(Vila Antena)

*“Bastante fruta, verdura, mais é isso.”*

(Vila Santa Rosa)

*“Assim, começa sem agrotóxico, já começa pelo agrotóxico.”*

(Cabana do Pai Tomás)

*“Sem agrotóxicos. Nosso Deus, a alimentação que a gente come hoje é toda cheia de veneno”*

(Aglomerado da Serra)

As falas apresentadas revelam, de forma contundente, as dificuldades enfrentadas para manter uma alimentação saudável no cotidiano das periferias urbanas. Em diferentes territórios, muitas mulheres afirmam categoricamente que não têm uma alimentação saudável, o que evidencia não apenas a limitação no acesso a alimentos de qualidade, mas também uma consciência crítica sobre essa realidade. A alimentação saudável é compreendida como aquela que inclui frutas, verduras, legumes, alimentos orgânicos e livres de agrotóxicos e, embora desejados, são muitas vezes inacessíveis financeiramente ou logisticamente.

Ao mesmo tempo, as participantes demonstram clareza sobre o que consideram uma alimentação não saudável e mencionam alimentos ultraprocessados, como embutidos, enlatados, fast-foods e produtos com excesso de sal ou açúcar, que são apontados como prejudiciais à saúde. Há também uma preocupação com os efeitos desses alimentos no corpo, como o aumento de peso e o desenvolvimento de doenças como hipertensão e diabetes. A alimentação infantil também é mencionada, com destaque para o impacto negativo do consumo excessivo de produtos industrializados no sobrepeso das crianças. Esses relatos revelam que as mulheres têm um entendimento sobre os efeitos da alimentação no bem-estar

físico e reconhecem os desafios de escapar de um padrão alimentar imposto pela praticidade, pelo preço e pela falta de opções saudáveis acessíveis:

*“Eu não tenho uma alimentação saudável.”*

(Novo Aarão Reis)

*“Se gente não plantar a gente não come fruta saudável não.”*

(Ocupação Dandara)

*“A minha não é saudável.”*

(Vila Santa Rosa)

*“A alimentação saudável seria aquela orgânica né, sem agrotóxico. Essa é a alimentação saudável. O embutido é o veneno é o não saudável. Então, isso é uma questão que a gente tem que evitar, o alimento embutido.”*

(Cabana do Pai Tomás)

*“Para mim, a alimentação que não é saudável, é esses hambúrgueres, fast-food em geral.”*

(Ocupação Dandara)

*“Muito sal, embutido, enlatado e também a gente sabe que tem que controlar o carboidrato, saber a quantidade que o seu corpo precisa.”*

(Vila Antena)

*“A maioria das crianças brasileiras está sempre com sobrepeso por causa da alimentação, por causa do processado.”*

(Vila Antena)

*“Miojo, enlatado, embutido.”*

(Vila Santa Rosa)

*“A alimentação não saudável é você não comer verdura, não comer legumes, não comer comida com pouco sal, o sal demais, né? Aumenta a pressão.”*

(Vila Leonina)

*“Às vezes eles falam que a gente tem que comer coisas saudáveis, mas se a gente for comprar uma coisa saudável você não consegue comprar, não. É tudo mais caro, tudo mais caro. O que é em conta, infelizmente é o que não é saudável. Aí você acaba tendo que comprar o que não é saudável, né.”*

(Vila Santa Rosa)

*“Sim, acaba que pra gente é mais fácil optar por algo industrializado do que saudável.”*

(Vila Santa Rosa)

As falas das participantes revelam que as redes de apoio, tanto institucionais quanto comunitárias, desempenham um papel fundamental na garantia do sustento. Em diversos territórios, as doações de cestas básicas, a distribuição de marmitas e o suporte oferecido por escolas públicas aparecem como estratégias que ajudam a compor a alimentação familiar. Essas ações são vistas como essenciais, especialmente em períodos críticos como as férias escolares, quando o fornecimento regular de alimentos pode ser interrompido, como mencionado:

*“É que a gente tem essa realidade. Hoje está muito melhor do que 20 anos atrás, ok, tá. Até a própria comunidade, a estrutura, mas o acesso à questão alimentar, a gente tem um monte de coisa aqui. Nós temos comida todo dia, aqui distribuem mais de 300 marmitas.”*

(Cabana do Pai Tomás)

*“Agora vai vir as férias, as férias é um curto período, a prefeitura vai dar uma cesta, vai, mas se parar para pensar, o que está na cesta o menino não comer só aquilo.”*

(Aglomerado da Serra)

*“Bom, na minha casa os meus filhos estudam em escola integral, então assim, a escola ajuda muito, sabe, na alimentação, então assim, uma compra que é feita por mês costuma dar para o mês, alguma coisinha que acaba faltando, tipo leite, um suco, que a gente compra aqui é para o mês, aí acaba faltando no decorrer do mês.”*

(Ocupação Dandara)

*“Eu sempre pego cestas básicas que a prefeitura distribui.”*

(Vila Antena)

Além dos programas formais, o apoio entre vizinhos e moradores da comunidade também se destaca como uma forma de resistência e solidariedade, como mencionado em algumas falas, a troca ou empréstimo de alimentos são práticas que ainda persistem em alguns locais, fortalecendo vínculos e criando redes de cuidado mútuo.

*“Como que eu sobrevivi aqui durante a pandemia, foi das doações das cestas, depois eu comecei a pegar as cestas no supermercado e das doações da cesta as pessoas começaram ter muita farinha em casa e fubá... Então, assim, graças a Deus, eu fui indo, o Senhor me sustentou, me deu graça e muitas pessoas aqui do aglomerado também, por a gente ter essa rede, porque não é todo mundo que enxerga os outros com os*

*mesmos olhos. E aqui eu digo que a gente é uma rede, né? A gente é uma rede.”*

(Aglomerado da Serra)

*“Eu peço socorro pra quem tá próximo.”*

(Novo Aarão Reis)

*“Quando preciso, tenho costume de trocar alimentos aqui sim.”*

(Ocupação Dandara)

No entanto, há também relatos que indicam o enfraquecimento dessas práticas em determinados territórios, seja por mudanças nas dinâmicas comunitárias ou pela melhora nas condições individuais.

*“Não, graças a Deus, eu não preciso.”*

(Vila Santa Sofia)

*“Não, não existe isso mais não. Já foi a época.”*

(Vila Leonina)

#### **TEMA 4 - Propostas e recomendações**

O eixo de propostas e recomendações reúne sugestões concretas pensadas e relatadas pelas participantes para enfrentar os desafios relacionados à alimentação e ao consumo de alimentos nas favelas. As propostas expressam não apenas demandas por políticas públicas mais eficazes, mas também apontam caminhos comunitários e estruturais para garantir o acesso a alimentos saudáveis, de qualidade e com preços acessíveis. A partir das vivências compartilhadas, emergem quatro categorias principais: “ações políticas necessárias”; “comunidade e conscientização”; “incentivo à produção local”; e “ambiente ideal de compra”. Cada uma dessas dimensões revela o desejo por transformações que articulem poder público, território e protagonismo popular na construção de sistemas alimentares mais justos e sustentáveis.

As participantes falam sobre os obstáculos enfrentados no acesso à alimentação e pensam em propostas que possam ajudar a transformar essa realidade, revelando compreensões sobre a InSAN e apontando caminhos que envolvem tanto o poder público quanto a mobilização comunitária. Nessas falas, é possível observar demandas como o incentivo à agricultura familiar e a ampliação de hortas comunitárias, a criação de estoques reguladores para baratear os alimentos e o reaproveitamento de produtos descartados em centros de distribuição. Além disso, destacam também propostas voltadas à redistribuição mais justa dos alimentos, como sacolões com preços populares e cestas básicas que incluam frutas e verduras:

*“Então, eu acho que o governo, o único acesso que ele poderia ter é um incentivo à agricultura familiar e lugar de estoque, nós teríamos que ter a Conab. O governo ele tem acho que 1,2% de estoque de alimento, e, quando você consegue estocar as safras, você consegue vender mais barato. Então eu acho que o governo ainda não tem condição para isso, mas quem sabe no futuro a gente lutar por isso, né, uma alimentação saudável e a segurança alimentar passa por isso também.”*

(Cabana do Pai Tomás)

*“Nesses sacolões deviam dar para as família o direito a fazer uma sacola, tipo assim, uma sacola com tudo que precisa, igual à prefeitura da cesta, dar também uma cesta de verdura, uma cesta de fruta, balanceado para a gente também, porque apoio com horta comunitária são poucas, eles não incentivam, porque se tivesse horta comunitária para tudo conte lado ia ser ótimo.”*

(Aglomerado da Serra)

*“Eu vejo o governo aí fazendo, um tanto de campanha de não fazer desperdício, que nem lá no CEASA, desperdiça aquela montanha de coisas, porque não gente, pôr alguém para selecionar e trazer para dentro das comunidades e fazer um preço popular.”*

(Aglomerado da Serra)

*“Se você for olhar pela Constituição ela fala que toda pessoa tem o direito a lazer, a saúde, a educação, alimentação, moradia. E na verdade não tem isso, porque quando você for olhar com salário mínimo, por exemplo, uma mãe solteira, vamos dizer que tem filhos, como que a mulher vai viver com salário mínimo? Ela paga uma água, uma luz, talvez um aluguel, vai comprar roupa para as crianças, vai ter o lazer, a alimentação, não dá. É, então não tem como. Se viver de bolsa de família é menos de um salário mínimo ainda, então não dá. Se for olhar, na verdade, quem vive em comunidade muitas das vezes ainda consegue manter, porque a maioria das vezes nem paga água e luz, às vezes paga um valor bem mais baixo e tudo, né? Por causa disso, mas se fosse a gente pagar água e luz, que nem os bairros normais aí que pagam tem gente que paga 400 reais, 300 reais de água e luz, a gente não ia conseguir, não tem como, não ia fechar a conta, nem sei, tipo, comer, pagar uma água e a luz, pagar alguém para olhar o menino, não ia dar.”*

(Novo Aarão Reis)

*“Um projeto que ajudasse tanto em relação a sua conscientização, quanto ajudar mesmo, por exemplo ter algum sacolão com preço popular, mas em contrapartida a gente também precisaria ter um*

*projeto que conscientizasse os moradores, porque nem todo mundo tem a mesma consciência que eu, por exemplo, eu só vou lá e vou pegar o que for suficiente para a minha casa, tem pessoa que vai lá e vai pegar para ela, para jogar fora, para desperdiçar, para estragar na geladeira, não é isso que a gente quer, a gente quer que as pessoas tenham a consciência de ir lá e pegar somente o que ela precisa, somente o que for de uso dela. Eu penso assim, um senso de comunidade.”*

(Vila Santa Rosa)

Para além da distribuição de alimentos, emerge também a necessidade da presença de profissionais especializados nos territórios, como parte fundamental da promoção da saúde, reforçando que comer bem não é apenas uma questão de acesso, mas também de expressão cultural, informação, escuta e acolhimento:

*“Eu acho interessante também, que a gente não tem, mas que deveria ter uma nutricionista no posto de saúde.”*

(Ocupação Dandara)

A produção local de alimentos aparece como uma proposta central entre as participantes, especialmente pela possibilidade de garantir acesso contínuo a itens frescos, saudáveis e livres de agrotóxicos. As falas revelam o desejo por espaços coletivos de cultivo e comercialização, como hortas comunitárias e feiras livres com localização e preços acessíveis, que permitam não apenas o uso individual, mas também o compartilhamento entre moradores, em que o alimento é produzido, cuidado e distribuído dentro da própria comunidade.

*“Se a gente tivesse um lugar de plantar, seria o ideal, porque você poderia usar, compartilhar como alface, salsinha, essas outras coisas, você poderia estar plantando em casa.”*

(Vila Antena)

*“Seria ótimo ter uma horta popular e feira popular aqui”.*

(Ocupação Dandara)

A fala de uma moradora responsável por uma horta comunitária revela uma proposta concreta e inspiradora sobre o que seria um ambiente ideal de acesso aos alimentos. Para ela, o incentivo às hortas domésticas e comunitárias é fundamental, pois permite que cada família produza parte do próprio alimento, fortalecendo a autonomia alimentar e reduzindo a dependência do mercado:

*“ O primeiro lugar é propor, que a gente, a prefeitura, o poder público, tenha mais incentivo às hortas, se a pessoa tiver uma horta em casa, ela tem o próprio alimento. As pessoas ficam vindo visitar a gente pra fazer uma horta pra eles, e eu sempre falo que a primeira coisa é fazer um planejamento de horta, você tem que plantar aquilo que você quer comer. E você tem que aprender a comer a safra. Esse mês é de banana, então nós vamos comer banana, né? Esse mês é de abóbora na horta, então a mistura vai ser abóbora. Você vai complementar a carne com abóbora. Se é chuchu, então você vai comer chuchu, então são safras. Então, assim, os quintais produtivos, sabe?”*

(Aglomerado da Serra)

Por fim, sobre o ambiente ideal de compra, algumas participantes revelam o desejo por espaços acessíveis financeiramente, próximos da favela e com variedade de produtos de qualidade. A referência a locais “cheio de coisas boas” indica que o modelo desejado já é conhecido, mas distante da realidade cotidiana. Ao mesmo tempo, há uma crítica direta à ausência de infraestrutura comercial dentro das próprias favelas, onde “falta tudo”. Essa ausência reforça a dependência de deslocamentos para acessar alimentos adequados e

saudáveis, ampliando o custo e o esforço necessário para garantir o abastecimento familiar. O ambiente ideal, portanto, é aquele que combina qualidade, preço justo e proximidade física, permitindo que as famílias comprem perto de casa, com dignidade e autonomia:

*“Ah, com baixo preço, qualidade.”*

(Cabana do Pai Tomás)

*“Próximo de casa tipo, com supermercados, cheio de coisas boas e com preço bom.”*

(Vila Antena)

*“Eu acho que aqui dentro da vila, em si, né? Não falo ao redor. Dentro da vila falta tudo.”*

(Vila Santa Rosa)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender como o gênero e a raça influenciam o acesso e a aquisição de alimentos entre mulheres negras moradoras de favelas de Belo Horizonte, Minas Gerais. A partir de uma abordagem qualitativa, as narrativas evidenciaram que as desigualdades estruturais, expressas nas dimensões econômica, territorial, de gênero e raça/cor de pele, moldam cotidianamente as experiências relacionadas à alimentação dessas mulheres.

Os resultados demonstram que o acesso à alimentação adequada e saudável é determinado por múltiplas barreiras coexistentes. As participantes relataram a renda insuficiente e o alto custo dos alimentos como os principais fatores limitantes para garantir uma alimentação saudável e diversificada. O preço define não apenas o que se compra, mas também onde, quando e como se realiza a compra. As estratégias de sobrevivência incluem pesquisa de preços, substituição de marcas e compras coletivas, mas tais táticas não eliminam a vulnerabilidade econômica que permeia o cotidiano das famílias.

A análise revelou que as mulheres seguem sobrecarregadas na gestão doméstica e na responsabilidade alimentar. A desigualdade de gênero se manifesta não só na divisão desigual do trabalho doméstico, mas também na culpabilização emocional e na autocrítica diante da escassez. A intersecção entre gênero e raça/cor de pele reforça a exclusão social: mulheres negras relataram discriminação e racismo em espaços de compra dos alimentos, o que agrava a sensação de insegurança e reduz a autonomia na escolha de onde e como comprar alimentos. Esses episódios de violência simbólica se somam às barreiras econômicas e territoriais, configurando um ciclo de vulnerabilidade que afeta diretamente o direito à alimentação adequada e saudável da população residente em favelas.

Os relatos também evidenciam uma consciência crítica crescente sobre alimentação saudável e qualidade dos alimentos. As participantes reconhecem o valor de uma dieta composta por alimentos in natura, sem agrotóxicos, mas a consideram inviável financeiramente e logisticamente. O aumento de preços, a baixa disponibilidade de produtos frescos e o predomínio de alimentos ultraprocessados configuram um ambiente alimentar que impõe escolhas limitadas. A InSAN, portanto, não se expressa apenas pela falta de comida, mas também pela impossibilidade de escolher alimentos de qualidade e seguros.

Apesar das dificuldades, as falas revelam redes de solidariedade e resistência fundamentais para a SAN nas favelas. Doações, trocas de alimentos e apoio comunitário,

especialmente entre mulheres, emergem como estratégias de sobrevivência e cuidado mútuo. Essas práticas demonstram a potência das comunidades em construir soluções locais frente à ausência do Estado, embora também indicam a urgência de políticas públicas estruturantes e que combatam as iniquidades.

As participantes apresentaram propostas concretas para transformar essa realidade, destacando a importância de:

- Fortalecer políticas públicas de SAN com recorte de gênero, raça e território, garantindo que ações e programas sejam sensíveis às desigualdades estruturais que afetam as mulheres negras e populações periféricas;
- Incentivar a agricultura urbana e hortas comunitárias, articuladas com feiras e sacolões populares com preços justos e acessíveis, promovendo circuitos curtos de comercialização e valorização da produção local;
- Garantir estoques públicos e a regulação de preços de alimentos básicos, de modo a reduzir a volatilidade e o impacto da inflação dos alimentos sobre as famílias de baixa renda;
- Fortalecer programas de transferência de renda, assegurando que contribuam não apenas para a SAN imediata, mas também para a melhoria das condições de vida e a promoção do emprego digno e formal;
- Incentivar a presença de equipes multiprofissionais nos territórios, com nutricionistas e agentes comunitários, para promover educação alimentar e nutricional, considerando as especificidades culturais e contextuais das favelas;
- Combater o racismo institucional e ampliar formações antidiscriminatórias e de promoção da equidade racial e de gênero para a população em geral.

Em síntese, o estudo reforça que as desigualdades alimentares são moldadas e coexistem com as desigualdades de gênero, raça e território. Garantir o DHAA exige políticas integradas que enfrentam o racismo estrutural, a desigualdade de renda e a sobrecarga das mulheres no cuidado cotidiano. As vozes das mulheres negras das favelas de Belo Horizonte reafirmam que o combate à fome no Brasil precisa ir além da oferta de alimentos, deve-se reconhecer o direito de se alimentar com dignidade, qualidade e pertencimento.

## REFERÊNCIAS

Bardin L. Análise de conteúdo Lisboa: Edições 70, 1977.

Bergamin J, Saliba CM, Brito ESDA, Resende AM, Gomes JPF. A renda e as desigualdades como vetores da insegurança alimentar no Brasil. São Paulo: Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades (Made/USP), 2025. Disponível em: <https://madeusp.com.br/en/publicacoes/artigos/a-renda-e-as-desigualdades-como-vetores-da-inseguranca-alimentar-no-brasil/>

Brasil. Lei nº 11.346 de 15 set. 2006. Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Diário Oficial da União. 18 set 2006. [internet]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111346.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111346.htm)

Carneiro, S. (2021). Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

Casemiro JP, Valla, VV, Guimarães MBL. Direito humano à alimentação adequada: um olhar urbano. Ciência & Saúde Coletiva. 2010;15(4). <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000400022>

Castronuovo L, Moyano DL, Cabrera N, Irazola V, Maceira D. Disponibilidade, acesso e consumo de alimentos: uma questão de gênero?. Saúde Soc. 2024;33(3). <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024230485pt>

Crenshaw, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. Stanford Law Review, 43(6), 1241–1299. <https://doi.org/10.2307/1229039>

Downs SM, Ahmed S, Fanzo J, Herforth A. Food Environment Typology: Advancing an Expanded Definition, Framework, and Methodological Approach for Improved Characterization of Wild, Cultivated, and Built Food Environments toward Sustainable Diets. Foods. 2020;9:532. <https://doi.org/10.3390/foods9040532>

Duarte ALCM, Rodrigues VP, Alves RCF, Oliveira GM. Acesso a alimentos frescos em áreas urbanas vulneráveis: um estudo classificatório das favelas e dos estabelecimentos formais de

São Paulo. Revista de Administração Pública. 2024;58(1).

<https://doi.org/10.1590/0034-761220230056>

FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. The State of Food Security and Nutrition in the World 2025: Addressing high food price inflation for food security and nutrition. FAO: Rome, 2025.

Ferreira KMS, Sales ADF, Moreira U, Parajára MC, Friche AAL, Caiaffa WT, et al. Interseccionalidade e insegurança alimentar em favelas de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Cadernos de Saúde Pública. 2025;41(1). <https://doi.org/10.1590/0102-311xpt095724>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Favelas e Comunidades Urbanas, Notas metodológicas n. 01: Sobre a mudança de Aglomerados Subnormais para Favelas e Comunidades Urbanas. Rio de Janeiro: IBGE, 2024a.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022: Brasil tinha 16,4 milhões de pessoas morando em favelas e comunidades urbanas. Rio de Janeiro: IBGE, 2024b.

Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/41797-censo-2022-brasil-tinha-16-4-milhoes-de-pessoas-morando-em-favelas-e-comunidades-urbanas#:~:text=Censo%202022%3A%20Brasil%20tinha%2016,em%20Favelas%20e%20Comunidades%20Urbanas.>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro: trajetórias e desafios. Brasília: IPEA; 2024. Disponível em:

<https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/5aaa595e-6e97-45fa-afaf-a3e975e1e21b>

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Atlas das desigualdades: evidências sobre gênero, raça e território no Brasil. Brasília: IPEA; 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/7c874904-171d-477e-af94-14ecd83a56d6>

Magalhães EIS, Schattschneider DP, Vargas EB, Silva LY, Borges DC, Conceição WL, et al. Ethnic-Racial Disparities in Food Environments: A Systematic Review and Meta-analyses of Inequities in Food Access and Availability. Research Square. 2025.

<https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-6529245/v1>

Maricato E. O impasse da política urbana no Brasil. Editora Vozes: Brasil, 2014.

Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN). II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil: relatório final. Fundação Friedrich Ebert; Rede PENSSAN, São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>

Rocha LL, Recine E, Vieira LL, Oliveira EP, Mendes LL. Food and Nutrition Security in the context of structural inequities: insights from Brazilian favelas. *The Lancet Regional Health - Americas*. 2025;52:101287–101287. <https://doi.org/10.1016/j.lana.2025.101287>

Rocha LL, Friche AAL, Jardim MZ, Junior PCPC, Oliveira EP, Cardoso LO, et al. Percepção dos residentes de favelas brasileiras sobre o ambiente alimentar: um estudo qualitativo. *Cadernos de Saúde Pública*. 2024a;40(3):e00128423.

<https://doi.org/10.1590/0102-311XPT128423>

Rocha LL, Friche AAL, Melo GBV, Cordeiro NG, Honório OS, Cardoso LO, et al. Food retail in favelas of a Brazilian metropolis. *Food Security*. 2024;16:277-292.

<https://doi.org/10.1007/s12571-023-01425-w>

Valladares L. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Editora FGV: Brasil, 2015.

# APÊNDICES

**Apêndice 1.** Roteiro semiestruturado utilizado para a condução do grupo focal.

## Introdução

*Bom dia/Boa tarde! Meu nome é \_\_\_\_\_. Gostaria de agradecer a presença de todas.*

Estamos conduzindo um estudo sobre como gênero e raça influenciam o acesso e a compra de alimentos no Brasil. Nós queremos entender o que vocês compram de alimentos, o que é possível comer, o que ajuda ou atrapalha na compra de alimentos. E as informações de vocês ajudarão a entender desafios, estratégias e boas práticas, gerando recomendações de políticas públicas.

- Esta conversa será **gravada em áudio** apenas para fins de pesquisa.
- A identidade de vocês permanecerá **confidencial**.
- Não existem respostas certas ou erradas, queremos opiniões sinceras. Falem uma de cada vez para não perdermos nada, mas sintam-se à vontade para discordar.
- Também estão presentes as pesquisadoras \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_, que tomarão notas.

Aguardar confirmação verbal de consentimento para gravação.

## Apresentação / Quebra-gelo

1. Nome (ou apelido)
2. Com quem você mora, e quem costuma fazer as compras de comida para a casa? E quem come na casa com você?
3. Você trabalha fora, cuida da casa e/ou das crianças?
4. Conte algo que represente “comida de afeto” na sua vida

## Experiência cotidiana de compra e acesso

### 1. Rotina de compras

- Onde costuma comprar (feira, mercado, sacolão, pequenos comércios, online)?

- Com que frequência e em quais dias/horários?
- Como você faz para chegar até esse lugar que você costuma comprar alimentos?

## 2. Critérios de escolha

- O que pesa mais: preço, qualidade, marca, conveniência, aceitação da família?

## 3. Mudanças recentes

- Você percebe se houve alterações nos locais de compra, preços ou disponibilidade de alimentos nos últimos anos?
- Algum alimento ficou mais difícil (ou mais fácil) de encontrar? Por quê?

## 4. Gastos e orçamento

- Como vocês organizam o dinheiro para alimentação?
- Existe mês em que acaba antes do previsto? Como resolvem?

## Barreiras percebidas

### 1. Fatores econômicos

- Impacto da renda e dos preços no que compram.

### 2. Infraestrutura e transporte

- Distância até pontos de venda; segurança no trajeto; custo de transporte.

### 3. Desigualdades de gênero

- Como a divisão de tarefas domésticas e cuidado influencia o tempo e a energia para buscar alimentos?

### 4. Experiências de racismo

- Já sentiram discriminação em supermercados, feiras ou programas sociais?
- Alguma situação em que sentiram constrangimento ou tratamento diferente por serem mulheres negras?
- Viver essas experiências faz com que você evite algum local de compra de alimentos? Qual?

## **Boas práticas e estratégias**

### **1. Táticas para driblar preços altos**

- Compra coletiva, feiras populares, hortas comunitárias, aplicativos de promoção?

### **2. Apoio de redes sociais/familiares**

- Trocas de alimentos, empréstimo de dinheiro, mutirões de compra.

### **3. Programas públicos ou iniciativas locais**

- Auxílio Brasil, cestas básicas, restaurantes populares, cozinhas solidárias: o que funciona bem? O que falta?

## **Percepções sobre alimentação saudável**

1. O que significa “alimentação saudável” para vocês?
2. Vocês conseguem segui-la na prática? Por quê?
3. Alimentos que gostariam de consumir mais, mas não conseguem. Motivos.
4. Produtos ultraprocessados: presença no dia a dia e fatores que influenciam o consumo.

## **Gênero, raça e tomada de decisão**

1. Quem decide o que entra no carrinho? Como a opinião de filhos, parceiros ou outros familiares pesa?
2. Vocês sentem que expectativas sociais ligadas a ser mulher negra impactam suas escolhas alimentares ou seu bem-estar?

## **Recomendações e visões para o futuro**

1. Como seria um ambiente de compras perfeito para vocês?
2. O que governos e empresas poderiam fazer para facilitar acesso a alimentos saudáveis e justos?

## **Encerramento**

*Muito obrigada pela participação e por compartilharem suas experiências. Estas falas são valiosas e ajudarão a construir propostas de melhoria. Caso tenham dúvidas, fiquem à vontade para entrar em contato.*

Distribuir pequeno lanche. Reforçar agradecimento e encerrar a gravação.

**Apêndice 2.** Tabela de saturação dos temas e categorias que surgiram na análise do conteúdo das falas dos participantes dos grupos focais.

Mapa das Categorias		Controle de Saturação								
		GF1	GF2	GF3	GF4	GF5	GF6	GF7	GF8	
1. Experiência cotidiana de compra (Acesso)	Supermercados maiores (BH, EPA, Apoio)	1	2	1	2	1	0	0	0	
	Sacolões Comércio local/Vendinhas	1	0	2	1	0	0	0	0	
	Feiras/Hortas Comunitárias	4	0	1	1	0	0	0	0	
	CEASA	2	0	1	0	0	0	0	0	
	Critérios de escolha	0	0	0	2	0	0	0	0	
	Frequência e horários	4	1	2	1	0	0	0	0	
	Meio de locomoção	5	2	1	0	0	0	0	0	
		2	2	2	1	0	0	1	0	
	2. Barreiras e desafios (Econômico/Social)	Organização orçamentária	2	2	2	1	1	0	0	0
		Percepção de mudanças nos alimentos	6	3	0	1	0	0	0	0
Discriminação e racismo		4	2	0	0	0	0	0	1	
Desigualdade de gênero		2	1	0	0	0	0	0	0	
Fatores econômicos e orçamento		2	1	1	0	0	0	0	0	
Não encontra/Deixou de comprar/Evita comprar		0	1	0	0	1	0	0	0	
Formas de combate		0	1	1	0	0	0	0	0	

3. Consumo e alimentação saudável	Percepções sobre alimentação saudável	2	2	2	0	1	0	0	0
	Dificuldades práticas na alimentação	0	0	4	0	0	0	0	0
	Percepções sobre alimentação não saudável	2	2	2	1	0	1	0	0
	Programas sociais e redes de apoio	4	3	0	1	0	0	0	0
	Apoio comunitário	4	3	0	0	1	0	0	0
	4. Propostas e recomendações (Governo/Comunidade)	Incentivo e apoio à produção local	2	1	0	1	0	0	0
	Ações políticas necessárias	3	4	1	0	1	0	0	0
	Comunidade e conscientização	2	0	1	0	0	0	0	0
	Ambiente de compra ideal	2	0	0	1	2	0	0	1

Essa tabela demonstra como as categorias foram se desenvolvendo ao longo de cada grupo. Os números representam as categorias adicionais que foram identificadas em cada grupo.